



A palavra do título é inglesa e quer dizer um postulado lógico que não tem solução, ou seja, um problema difícil de ser solucionado, como, por exemplo, o que fazer com algumas fontes energéticas

POR EDUARDO JOSÉ BERNINI*

Conundrum

Certas palavras são capazes de proporcionar um prazer que vai além do seu significado. Por exemplo, “Weltanschauung”. Ninguém é capaz de ler um texto, se deparar com esse acidente geográfico linguístico e ficar indiferente. Mais do que um conceito fundamental na filosofia e epistemologia alemã, a percepção de mundo ampla ou o quadro de ideias e crenças pelo qual um indivíduo interpreta e interage com o mundo, traz em si, uma sonoridade que desafia todo e qualquer ser humano normal, alfabetizado, que não tenha a língua alemã como parte dos seus “skills&capabilities” naturais.

O mesmo posso dizer quanto a “conundrum”, palavra inglesa que define um postulado lógico que não tem solução, um intrincado e difícil problema.

Ambas vieram à mente ao alinhar ideias sobre o intrincado problema que será a iminente revisão do Plano Nacional de Energia (PDE), especialmente se considerado o não menos complexo conjunto de desafios internos e externos que o mundo da energia apresenta neste momento. Como parece estar “provado que só é possível filosofar em alemão” (pelo menos nas palavras do mano Caetano), é preciso apelar para a “Weltanschauung”.

A parte dos modelos econométricos de projeção de demanda, embora não menos importante, acaba até parecendo uma tarefa de menor complexidade quando comparada ao mosaico de avenidas, ruas e trilhas que estão buscando se firmar no cardápio de opções pelo lado da oferta, com as quais “policy makers”, “investors” ou humildes usuários se veem envolvidos, caso levantem a cabeça dos seus problemas e dificuldades presentes e estendam o olhar para os próximos lustros (lembrando que, além de quinquênio, o dicionário, nosso pai das dúvidas, destaca que lustro também se refere ao sacrifício expiatório que era feito em Roma de cinco em cinco anos...).

Um bom exercício de “Weltanschauung” pode ser pinçar algu-



O tema relevante será entender as chamadas do gás natural abundante e seus impactos

mas matérias que a imprensa especializada ou não anda publicando sobre o que se passa nos domínios da energia.

Momentos importantes

O “Special Report” da revista Forbes (<http://www.forbes.com/special-report/2013/energy-management.html>) traz um mosaico instigante de reportagens, cuja manchete mostra como a teoria do Pico do Petróleo está sendo desafiada pela corrente abundante de “shale oil” (“As Fracking Rises, The Peak Oil Theory Slowly Dies”). Não menos importante é “O alerta do Príncipe” saudita Alwaleed bin Talal (Veja, edição 2333, 07/08/13) de que “com o gás de xisto e maior eficiência energética, o consumo de petróleo vai se estabilizar”. Portanto, o tema relevante será entender as chamadas do gás natural abundante e seus impactos.

Nesse particular, a matéria da Forbes que relata como capitais externos estão fluindo para o setor energético norte-americano, é particularmente ilustrativa (“Coming To America: Greater International Investment Could Be Coming To Oil and Gas Midstream Sector”). O que chama a atenção, é que o fator de atração de investidores

internacionais pelos EUA não é a produção de gás natural liquefeito (LNG), mas os líquidos extraídos do Gás Natural (NGL). Não o velho e conhecido propano, mas sim os seus primos ricos, como o etano, o butano, o isobutano e a gasolina natural.

Ponto de atenção: o etano está se transformando em um produto tão barato em algumas bacias norte-americanas que os produtores entraram no modo “rejeição ao etano”. Porém, o resto do mundo, sobretudo companhias petroquímicas na Europa (e não só na Europa, como a Abiquim vem alertando) estão clamando pelo etano como uma alternativa mais barata à nafta derivada do petróleo.

Eis aí um novo ponto de exclamação: se o desenvolvimento do shale gas alterou rapidamente uma parte da geopolítica do oil&gas (tornando os EUA menos dependentes do petróleo ao readquirir a autossuficiência em gás natural), os líquidos abundantes tenderão a mudar, novamente, a geopolítica da indústria química global, depois da forte concorrência – em algumas situações, predatória – que a emergência da indústria petroquímica chinesa e indiana promo-

veu neste início do século XXI.

Pergunta que não quer calar: a “Weltanschauung” energética tu-piniquim está levando em consideração esses movimentos de longo prazo e alto impacto?

O outro lado

Outro ponto diz respeito ao futuro das utilities e seu mercado regulado. (“Time To Short Your Electric Utility?”) Como a reportagem destaca na abertura, “durante décadas, ações de concessionárias tem sido consideradas como investimentos seguros e confiáveis”. A demanda de energia elétrica cresce e os “lucros e os investidores sorriam”. Mas o crescimento da eficiência energética e a instalação de geração solar (“roof-top, behind-the-meter”) irão impactar no próximo lustro a rentabilidade das concessionárias (e não se está discutindo nos EUA mitigação tarifária...). Mais do que isso: também começam a surgir rugas de preocupação com o fato de que esta “dinâmica irá desencorajar investimentos em novos projetos de transmissão” (o que significa a redução do retorno de investimentos dessa natureza na composição dos resultados futuros das concessionárias [N.R.]), o que traz “implicações sobre a confiabilidade do sistema”.

E confiabilidade não é um problema só de sistemas ao sul do Rio Grande: pelo visto, a perspectiva de blecautes de verão pode afetar o boom econômico do segundo maior PIBão dentre os estados americanos (“Will Summer Blackouts Doom The Texas Boom?”). E como mexer com o Texas não é pouca coisa (“Don’t mess with Texas” está no para-choque de muitas SUVs energívoras rodando por lá), a boa notícia vem da costa leste, mais exatamente do MIT (“Bad News For Power Blackouts: MIT’s Killer Algorithm”).

Se irá funcionar, não sou eu que irei garantir, mas a ideia faz sentido: “o algoritmo não somente identifica pontos isolados de falha potencial, mas também analisa o conjunto de alquimias dos potenciais pontos de falha e seu potencial de gerar uma sucessão de estágios que levem a um corte de energia incontrollável”. Se algoritmos servem para manipular compras instantâneas de ações no mercado de capitais globalizado (em nano-segundos), talvez sirvam também para coisas mais úteis...

Mas intrigante mesmo é o que se passa no domínio das energias renováveis. Enquanto gigantes, como Siemens e Bosch, jogam a toalha no ringue (“Siemens Exits Solar Industry, Suffers \$1 Billion In Losses”) e aumentam as críticas ácidas sobre a efetividade do suporte financeiro proporcionado por fundos públicos ao desenvolvimento de fontes renováveis, o boom solar nos EUA continua (“U.S. Reaches 10,000 MW Of Solar Capacity, With Much More On The Way”), na medida em que “fortes declínios nos preços estão direcionando a tendência” e fabricantes (sobretudo chineses), bem como “upstream suppliers”, investiram na construção de grande capacidade de produção e estão envolvidos em uma luta existencial para sobreviver, “cortando gorduras, onde possível, em consequência”.

A nota otimista é sustentada por aumentos de eficiência nos painéis, mas também por reduções de custo na aquisição, instalação e licenças de instalação. Avanços tecnológicos em aplicações integradas a soluções arquitetônicas (como os filmes fotovoltaicos a serem



aplicados em vidraças, já disseminados comercialmente) começam a disputar atenção com outras inovações que conjugam painéis solares com acumulação em uma única instalação (“Self-Charging Solar Cells: Better Than Batteries?”), embora ainda com baixo percentual de eficiência.

Mas como se trata de um estágio inicial de pesquisa, não será surpresa se o tema evoluir rapidamente. Como outra matéria destaca (“Another Day, Another \$1 Billion for Distributed Solar”), se a geração distribuída solar falhar, não será por culpa de Wall Street.

Como este espaço, apesar de generoso, é finito, fica o registro de que carros elétricos, fonte maremotriz, biocombustíveis, “off-shore Wind Farms”, mudanças climáticas e o “conundrum” chinês com o carvão, continuam em pauta.

E para fechar, uma palavra de esperança: não é só este escriba energético que gosta de ilustrar seus artigos com referências cinematográficas (ver artigo na Smart Energy ed. 17). Peter Kelly-Detwiler, encerra o Special Report da Forbes com o artigo “Want A Secure And High Paying Job? Get Into Power Engineering”, no qual adverte que somente leitores com mais de 50 anos de idade irão entender a referência: no filme “The Graduate” (“A primeira noite de um homem”; 1967, direção Mike Nichols [N.R.]) o personagem vivido por Dustin Hoffman é aconselhado a procurar emprego na indústria de plásticos. “Hoje em dia, se você é jovem demais para entender a referência acima, mas deseja um emprego estável, bem pago e seguro em uma realmente fascinante indústria, esqueça plásticos. Ao invés, pense em eletricidade”, registra Kelly-Detwiler.

Como canta o poeta, “ouça um bom conselho, que lhe dou de graça, inútil dormir que a dor não passa...”. Algo que parece ser um bom mote também para o desafio do PNE 2050, uma “serendipity”, outra palavra sonoramente deliciosa da língua inglesa, ou seja, uma surpresa agradável. ■

***Eduardo José Bernini**, economista que gosta de dicionários e sopa-de-letrinhas.